

## Auto da Feira, de Gil Vicente

### Texto proveniente de:

Algo Sobre Vestibular e Concurso

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Qualquer dúvida entre em contato conosco pelo email [falecom@algosobre.com.br](mailto:falecom@algosobre.com.br)

<http://www.algosobre.com.br>

Texto-base digitalizado por:

Projecto Vercial - Literatura Portuguesa

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

## Auto da Feira

Gil Vicente

**A obra seguinte é chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excelente Príncipe El Rei Dom João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, às matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.**

### Figuras:

**Mercúrio, Tempo, Serafim, Diabo, Roma, Amâncio Vaz, Diniz Lourenço, Branca Anes, Marta Dias, Justina, Leonarda, Teodora, Moneca, Giralda, Juliana, Tesaura, Merenciana, Doroteia, Gilberto, Nabor, Dionísio, Vicente, Mateus.**

*Entra primeiramente Mercúrio, e posto em seu assento, diz:*

### MERCÚRIO

Pera que me conheçais,  
e entendais meus partidos,  
todos quantos aqui estais  
afinai bem os sentidos,  
mais que nunca, muito mais.  
Eu sou estrela do céu,  
e depois vos direi qual,  
e quem me cá descendeu  
e a quê, e todo o al  
que me a mi aconteceu.

E porque a astronomia  
anda agora mui maneira,  
mal sabida e lisonjeira,

eu, à honra deste dia,  
vos direi a verdadeira.  
Muitos presumem saber  
as operações dos céus,  
e que morte hão-de morrer,  
e o que há-de acontecer  
aos anjos e a Deus,

e ao mundo e ao diabo.  
E que o sabem têm por fé;  
e eles todos em cabo  
terão um cão polo rabo,  
e não sabem cujo é.  
E cada um sabe o que monta  
nas estrelas que olhou;  
e ao moço que mandou,  
não lhe sabe tomar conta  
d' um vintém que lh' entregou.

Porém, quero-vos pregar,  
sem mentiras nem cautelas,  
o que per curso d' estrelas  
se poderá adivinhar,  
pois no céu nasci com elas.  
E se Francisco de Melo,  
que sabe ciência avondo,  
diz que o céu é redondo,  
e o sol sobre amarelo;  
diz verdade, não lh' o esconde.

Que se o céu fora quadrado,  
não fora redondo, senhor.  
E se o sol fora azulado,  
d' azul fora a sua cor  
e não fora assi dourado.  
E porque está governado  
per seus cursos naturais,  
neste mundo onde morais  
nenhum homem aleijado,  
se for manco e corcovado,  
não corre por isso mais.

E assi os corpos celestes  
vos trazem tão compassados,  
que todos quantos nascestes,  
se nascestes e crescestes,  
primeiro fostes gerados.  
E que fazem os poderes  
dos sinos resplandecentes?  
Que fazem que totalas gentes

ou são homens ou mulheres,  
ou crianças inocentes.

E porque Saturno a nenhum  
influi vida contina,  
a morte de cada um  
é aquela de que se fina,  
e não d' outro mal nenhum.  
Outrossim o terremoto,  
que às vezes causa perigo,  
faz fazer ao morto voto  
de não bulir mais consigo,  
cantá de seu próprio moto.

E a claridade encendida  
dos raios piramidais  
causa sempre nesta vida  
que quando a vista é perdida,  
os olhos são por demais.

E que mais quereis saber  
desses temporais e disso,  
senão que, se quer chover,  
está o céu pera isso,  
e a terra pera a receber?  
a lua tem este jeito:  
vê que clérigos e frades  
já não têm ao Céu respeito,  
mingua-lhes as santidades,  
e cresce-lhes o proveito.

*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicae,  
secundum Joanes Montereio:*

Mars, planeta dos soldados,  
faz nas guerras conteúdas,  
em que os reis são ocupados,  
que morrem de homens barbados  
mais que mulheres barbudas.  
E quando Vénus declina,  
e retrogada em seu cargo,  
não se paga o desembargo  
no dia que s' ele assina  
mas antes por tempo largo.

*Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer Capricornius positus in firmamento  
coeli:*

E quanto ao Touro e Carneiro,  
são tão maus d' haver agora

que quando os põe no madeiro,  
chama o povo ao carniceiro  
Senhor, c' os barretes fora.  
Depois do povo agravado,  
que já mais fazer não pode,  
invoca o signo do Bode,  
Capricórnio chamado,  
porque Libra não lhe acode.

E se este não hás tomado,  
nem Touro, Carneiro assi,  
vai-te ao sino do Pescado,  
chamado *Piscis* em latim,  
e serás remedeado:  
e se *Piscis* não tem ensejo,  
porque pode não no haver,  
vai-te ao signo do Cranguejo,  
*Signum Cancer*, Ribatejo,  
que está ali a quem no quer.

*Sequuntur mirabilia Jupiter Rex regum, Dominus dominantium.*

Júpiter, rei das estrelas,  
deus das pedras preciosas,  
mui mais precioso qu' elas  
pintor de todalas rosas,  
rosa mais fermosa delas;  
é tão alto seu reinado ,  
influência e senhoria,  
que faz percurso ordenado  
que tanto vale um cruzado  
de noite como de dia.

E faz que ùa nau veleira  
mui forte, muito segura,  
que inda que o mar não queira,  
e seja de cedro a madeira,  
não preste sem pregadura.

*Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam.*

Ao Zodíaco acharão  
doze moradas palhaças,  
onde os sinos estão  
no Inverno e no Verão,  
dando a Deus infindas graças.  
Escutai bem, não durmais,  
sabereis por conjeituras  
que os corpos celestiais

não são menos nem são mais  
que suas mesmas granduras.

E os que se desvelaram,  
se das estrelas souberam,  
foi que a estrela que olharam,  
está onde a puseram,  
e faz o que lhe mandaram.  
E cuidam que Ursa Maior,  
Ursa Menor e o Dragão,  
e *Lepus*, que têm paixão,  
porque um corregeador  
manda enforcar um ladrão.

Não, porque as constelações  
não alcançam mais poderes,  
que fazer que os ladrões  
sejam filhos de mulheres,  
e os mesmos pais varões.  
E aqui quero acabar.  
E pois vos disse atéqui  
o que se pode alcançar,  
quero-vos dizer de mi,  
e o que venho buscar.

Eu são Mercúrio, senhor  
de muitas sabedorias,  
e das moedas reitor,  
e deus das mercadorias:  
nestas tenho meu vigor.  
Todos tratos e contratos,  
valias, preços, avenças,  
carestias e baratos,  
ministro suas pertenças,  
até às compras dos sapatos.

E porquanto nunca vi  
na corte de Portugal  
feira em dia de Natal,  
ordeno ùa feira aqui  
pera todos em geral.  
Faço mercador-mor  
ao Tempo, que aqui vem;  
e assi o hei por bem.  
E não falte comprador.  
Porque o tempo tudo tem.

*Entra o Tempo, e arma ùa tenda com muitas cousas e diz:*

TEMPO

Em nome daquele que rege nas praças  
d'Anvers e Medina as feiras que têm,  
começa-se a feira chamada das Graças,  
à honra da Virgem parida em Belém.

Quem quiser feirar,  
venha trocar, qu' eu não hei-de vender;  
todas virtudes qu' houverem mister  
nesta minha tenda as podem achar,  
a troco de cousas que hão-de trazer.

Todos remédios, especialmente  
contra fortunas ou adversidades  
aqui se vendem na tenda presente;  
conselhos maduros de sãs qualidades  
aqui se acharão.

A mercadorias d' amor a rezão  
justiça e verdade, a paz desejada,  
porque a Cristandade é toda gastada  
só em serviço da opinião.

Aqui achareis o temor de Deus,  
que é já perdido em todos Estados;  
aqui achareis as chaves dos Céus,  
muito bem guarnecidas em cordões dourados.

E mais achareis  
soma de contas, todas de contar  
quão poucos e poucos haveis de lograr  
as feiras mundanas; e mais contareis  
as contas sem conto qu' estão por contar.

E porque as virtudes, Senhor Deus, que digo,  
se foram perdendo de dias em dias,  
com a vontade que deste ó Messias  
memoria o teu Anjo que ande comigo,

Senhor, porque temo  
ser esta feira de maus compradores,  
porque agora os mais sabedores  
fazem as compras na feira do Demo,  
e os mesmos Diabos são seus corretores.

*Entra um Serafim enviado por Deus a petição do Tempo, e diz:*

SERAFIM À feira, a feira igrejas, mosteiros,  
pastores das almas, Papas adormidos;  
comprai aqui panos, mudai os vestidos,  
buscai as samarras dos outros primeiros,  
os antecessores.

Feirai o carão que trazeis dourado;  
ó presidentes do crucificado,  
lembrai-vos da vida dos santos pastores

do tempo passado.

Ó Príncipes altos, império facundo,  
guardai-vos da ira do Senhor dos Céus;  
comprai grande soma do temor de Deus  
na feira da Virgem, Senhora do Mundo,  
exemplo da paz,  
pastora dos anjos, luz das estrelas.  
À feira da Virgem, donas e donzelas,  
porque este mercador sabe que aqui traz  
as cousas mais belas.

*Entra um Diabo com ùa tendinha adiante de si, como bofalinheiro, e diz:*

DIABO Eu bem me posso gavar,  
e cada vez que quiser,  
que na feira onde eu entrar  
sempre tenho que vender,  
e acho quem me comprar.  
E mais, vendo muito bem,  
porque sei bem o que entendo;  
e de tudo quanto vendo  
não pago siza a ninguém  
por pratos que ande fazendo.

Quero-me fazer à vela  
nesta santa feira nova.  
Verei os que vêm a ela,  
e mais verei quem m' estorva  
de ser eu o maior dela.

TEMPO És tu também mercador,  
que a tal feira t' ofereces?

DIABO Eu não sei se me conheces.

TEMPO Falando com salvaror,  
tu Diabo me pareces.

DIABO Falando com salvos rabos  
inda que me tens por vil,  
acharás homens cem mil  
honrados, que são Diabos,  
(que eu não tenho nem ceutil)  
e bem honrados te digo,  
e homens de muita renda,  
que têm dívida comigo.  
Pois não me tolhas a venda,  
que não hei nada contigo.

*Tempo ao Serafim*

TEMPO Senhor, em toda maneira

acudi a este ladrão,  
que há-de danar a feira.

DIABO Ladrão? Pois haj' eu perdão  
se vos meter em canseira.  
Olhai cá, Anjo de bem,  
eu, como cousa perdida,  
nunca me tolhe ninguém  
que não ganhe minha vida,  
como quem vida não tem.

Vendo dessa marmelada,  
e às vezes grãos torrados,  
isto não releva nada;  
e em todos mercados  
entra a minha quintalada.

SERAFIM Muito bem sabemos nós  
que vendes tu cousas vis.

DIABO I há de homens ruins  
mais mil vezes que não bôs,  
como vós mui bem sentis.

E estes hão-de comprar  
disto que trago a vender,  
que são artes de enganar,  
e cousas pera esquecer  
o que deviam lembrar.  
Que o sages mercador  
há-de levar ao mercado  
o que lhe compram melhor;  
porque a ruim comprador  
levar-lhe ruim bocado.

E mais as boas pessoas  
são todas pobres a eito;  
e eu por este respeito  
nunca trato em cousas boas,  
porque não trazem proveito.  
Toda a glória de viver  
das gentes é ter dinheiro,  
e quem muito quiser ter  
cumpre-lhe de ser primeiro  
o mais ruim que puder.

E pois são desta maneira  
os contratos dos mortais,  
não me lanceis vós da feira  
onde eu hei-de vender mais  
que todos à derradeira.

SERAFIM Venderás muito perigo,



que tens nas trevas escuras.  
DIABO Eu vendo perfumaduras,  
que, pondo-as no embigo,  
se salvam as criaturas.

Às vezes vendo virotes,  
e trago d' Andaluzia  
naipes com que os sacerdotes  
arrenquem cada dia,  
e joguem até os pelotes.  
SERAFIM Não venderás tu aqui isso,  
que esta feira é dos céus:  
vai lá vender ao abisso,  
logo, da parte de Deus!  
DIABO Senhor, apelo eu disse.

S' eu fosse tão mau rapaz  
que fizesse força a alguém,  
era isso muito bem;  
mas cada um veja o que faz,  
porque eu não forço ninguém.  
Se me vem comprar qualquer  
clérigo, ou leigo, ou frade  
falsas manhas de viver,  
muito por sua vontade;  
senhor, que lh' hei-de fazer?

E se o que quer bispar  
há mister hipocrisia  
e com ela quer caçar,  
tendo eu tanta em perfia,  
porque lh' a hei-de negar?  
E se ùa doce freira  
vem à feira  
por comprar um inguento,  
com que voe do convento,  
senhor, inda que eu não queira,  
lh' hei-de dar aviamento.

MERCÚRIO Alto, Tempo, aparelhar,  
porque Roma vem à feira.  
DIABO Quero-me eu concertar,  
porque lhe sei a maneira  
de seu vender e comprar.

*Entra Roma, cantando.*

ROMA «Sobre mi armavam guerra;  
«ver quero eu quem a mi leva.

«Três amigos que eu havia,  
«sobre mi armam porfia;  
«ver quero eu quem a mi leva».

*Fala:*

Vejamos se nesta feira,  
que Mercúrio aqui faz,  
acharei a vender paz,  
que me livre da canseira  
em que a fortuna me traz.  
Se os meus me desbaratam,  
o meu socorro onde está  
Se os Cristãos mesmos me matam,  
a vida quem m' a dará,  
que todos me desacatam?

Pois s' eu aqui não achar  
a paz firme e de verdade  
na santa feira a comprar,  
cant' a mi dá-me a vontade  
que mourisco hei-de falar.

DIABO Senhora, se vos prouver,  
eu vos darei bom recado.

ROMA Não pareces tu azado  
pera trazer a vender  
o que eu trago no cuidado.

Não julgueis vós pola cor,  
porque em al vai o engano;  
cá dizem que sob mau pano  
está o bom bebedor;  
nem vós digais mal do ano.

Eu venho à feira direita  
comprar paz, verdade e fé.

DIABO A verdade pera quê?  
Cousa que não aproveita,  
e aborrece, pera que é?  
Não trazeis bons fundamentos  
pera o que haveis mister;  
e a segundo são os tempos,  
assim hão-de ser os tentos,  
pera saberdes viver.

E pois agora à verdade  
chamam Maria Peçonha,  
e parvoíce à vergonha,  
e aviso à ruindade,  
peitai a quem vo-la ponha,

a ruindade digo eu:  
e aconselho-vos mui bem,  
porque quem bondade tem  
nunca o mundo será seu,  
e mil canseiras lhe vem.

Vender-vos-ei nesta feira  
mentiras vinta três mil,  
todas de nova maneira,  
cada ùa tão subtil,  
que não vivais em canseira:  
mentiras pera senhores,  
mentiras pera senhoras,  
mentiras pera os amores,  
mentiras, que a todas as horas  
vos nasçam delas favores.

E como formos avindos  
nos preços disto que digo,  
vender-vos-ei como amigo  
muitos enganos infindos,  
que aqui trago comigo.

ROMA Tudo isso tu vendias,  
e tudo isso feirei  
tanto, que inda venderei,  
e outras sujas mercancias,  
que por meu mal te comprei.

Porque a troco do amor  
de Deus, te comprei mentira,  
e a troco do temor  
que tinha da sua ira,  
me deste o seu desamor;  
e a troco da fama minha  
e santas prosperidades,  
me deste mil torpidades;  
e quantas virtudes tinha  
te troquei polas maldades.

E pois já sei o teu jeito,  
quero ir ver que vai cá.

DIABO As cousas que vendem lá  
são de bem pouco proveito  
a quem quer que as comprará.

*Vai-se Roma ao Tempo e Mercúrio e diz Roma:*

ROMA Tão honrados mercadores  
não podem leixar de ter  
cousas de grandes primores;

e quant' eu houver mister  
deveis vós de ter, senhores.  
SERAFIM Sinal é de boa feira  
virem a ela as donas tais,  
e pois vós sois a primeira,  
queremos ver que feirais  
segundo vossa maneira.

Cá, se vós a paz quereis  
senhora, sereis servida,  
e logo a levareis  
a troco de santa vida;  
mas não sei se a trazeis.  
Porque, senhora eu me fundo  
que quem tem guerra com Deus,  
não pode ter paz c' o mundo ;  
porque tudo vem dos céus,  
daquele poder profundo.

ROMA A troco das estações  
não fareis algum partido,  
e a troco dos perdões,  
que é tesouro concedido  
pera quaisquer remissões?  
Oh, vendei-me a paz dos céus,  
pois tenho o poder na terra.

SERAFIM Senhora, a quem Deus dá guerra,  
grande guerra faz a Deus,  
que é certo que Deus não erra.

Vede vós que lhe fazeis,  
vede como o estimais,  
vede bem se o temeis ;  
atentai com quem lidais,  
que temo que caireis.

ROMA Assi que a paz não se dá  
a troco de jubileus?

MERCÚRIO Ó Roma, sempre vi lá  
que matas pecados cá,  
e leixas viver os teus.

Tu não te corras de mi;  
mas com teu poder facundo  
assolves a todo o mundo,  
e não te lembras de ti,  
nem vês que te vás ao fundo.

ROMA Ó Mercúrio, valei-me ora,  
que vejo maus aparelhos.

MERCÚRIO Dá-lhe, Tempo, a essa senhora  
o cofre de meus conselhos:

e podes-te ir muit' embora.

Um espelho aí acharás,  
que foi da Virgem Sagrada,  
co' ele te toucarás  
porque vives mal toucada,  
e não sentes como estás:  
e acharás a maneira  
como emendes a vida:  
e não digas mal da feira;  
porque tu serás perdida,  
se não mudas a carreira.

Não culpes aos reis do mundo,  
que tudo te vem de cima,  
pelo que fazes cá em fundo:  
que, ofendendo a causa prima,  
se resulta o mal segundo.  
E também o digo a vós  
e a qualquer meu amigo,  
quem não quer guerra consigo:  
tenha sempre paz com Deus,  
e não temerá perigo.

DIABO   Preósito Frei Sueiro,  
diz lá o exemplo velho:  
dá-me tu a mi dinheiro,  
e dá ao demo o conselho.

*Depois de ida Roma, entram dous lavradores, um per nome Amâncio Vaz e outro Diniz Lourenço, e diz Amâncio Vaz:*

AMÂNCIO VAZ   Compadre, vás tu à feira?  
DINIZ LOURENÇO   À feira, compadre.  
AMÂNCIO VAZ   Assi,  
ora vamos eu e ti  
ó longo desta ribeira.  
DINIZ LOURENÇO   Bofá, vamos.  
AMÂNCIO VAZ   Folgo bem  
de te vir aqui achar.  
DINIZ LOURENÇO   Vás tu lá buscar alguém,  
ou esperas de comprar?

AMÂNCIO VAZ   Isso te quero contar,  
e iremos patorneando,  
e er também aguardando  
polas moças do lugar.  
Compadre, enha mulher  
é muito destemperada,  
e agora, se Deus quiser,

faço conta de a vender,  
e dá-la-ei por quase nada.

Qu'eu quando casei com ela  
diziam-me, «Hétega é».  
E eu cuidei pola abofé  
que mais cedo morresse ela,  
e ela anda inda em pé.  
E porque era hétega assim  
foi o que m' a mim danou:  
avonda qu'ela engordou  
e fez-me hétego a mim.

DINIZ LOURENÇO Tens boa mulher de teu:  
não sei que tu hás, amigo.

AMÂNCIO VAZ S'ela casara contigo  
renegaras tu com' eu  
e dixeras o que eu digo.

DINIZ LOURENÇO Pois, compadre, cant'à minha,  
é tão mole e desatada,  
que nunca dá peneirada  
que não derrame a farinha.

E não põe cousa a guardar,  
que a tope quanda a cata;  
e por mais que homem se mata,  
de birra não quer falar.  
Trás d' ùa pulga andarà  
três dias, e oito, e dez,  
sem lhe lembrar o que fez,  
nem tão pouco o que fará.

Pera que t'hei-de falar?  
Quando ontem cheguei do mato  
pôs ùa enguia a assar,  
e crua a leixou levar,  
por não dizer sape a um gato.  
Quant'a mansa, mansa é ela;  
dei-m'ê logo conta disso.

AMÂNCIO VAZ Juro-t'eu que mais vale isso  
cinquenta vezes qu'ela.

A minha te digo eu  
que se a visses assanhada,  
parece demoninhada,  
ante São Bertolameu.

DINIZ LOURENÇO Já sequer terá esp'rito:  
mas renega da mulher  
que ó tempo do mister  
não é cabra nem cabrito.

AMÂNCIO VAZ A minha tinh'eu em guarda  
pera bem da minha prol,  
cuidando que era ourinol,  
e tornou-se-me bombarda.  
Folga tu que ess'outra tenhas,  
porque a minha é tal perigo,  
que por nada que lhe digo  
logo me salta nas grenhas.

Então tanto punho seco  
me chimpa nestes focinhos;  
eu chamo polos vizinhos,  
e ela nego dar-me em xeco.

DINIZ LOURENÇO Isso é de coraçuda;  
não cures de a vender,  
que s'alguém te mal fizer,  
já sequer tens quem te acuda.

Mas a minha é tão cortês,  
que se viesse ora à mão  
que m'espancasse um rascão,  
não diria, «Mal fazês».  
Mas antes s' assentaria  
a olhar como eu bradava.  
Todavia a mulher brava  
é, compadre, a qu'eu queria.

AMÂNCIO VAZ Pardeus! Tanto me farás  
que feire a minha contigo.

DINIZ LOURENÇO Se queres feirar comigo,  
vejamos que me darás.

AMÂNCIO VAZ Mas antes m' hás-de tornar  
pois te dou mulher tão forte,  
que te castigue de sorte  
que não ouses de falar,  
nem no mato nem na corte.

Outro bem terás com ela:  
quando vieres da arada,  
comerás sardinha assada,  
porqu ' ela jenta a panela.  
Então geme, pardeus, si,  
diz que lhe dói a moleira.

DINIZ LOURENÇO Eu faria per maneira  
que esperasse ela por mi.

AMÂNCIO VAZ Que lh'havias de fazer?

DINIZ LOURENÇO Amâncio Vaz, eu o sei bem.

AMÂNCIO VAZ Diniz Lourenço, ei-las cá vêm!

Vamo-nos nós esconder,  
vejamos que vêm catar,  
qu'elas ambas vêm à feira.  
Mete-te nessa silveira,  
qu'eu daqui hei-d' espreitar.

*Vêm Branca Anes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem dizendo a brava:*

BRANCA ANES Pois casei má hora, e nela,  
e com tal marido, prima,  
comprarei cá ùa gamela,  
para o ter debaixo dela,  
e um grão penedo em cima.  
Porque vai-se-me às figueiras,  
e come verde e maduro ;  
e quantas uvas penduro  
jeita nas gorgomileiras:  
parece negro monturo.

Vai-se-m'às ameixieiras  
antes que sejam maduras,  
ele quebra as cerejeiras,  
ele vindima as parreiras,  
e não sei que faz das uvas.  
Ele não vai à lavrada,  
ele todo o dia come,  
ele toda a noite dorme,  
ele não faz nunca nada,  
e sempre me diz que há fome.

Jesu! Jesu! Posso-te dizer  
e jurar e tresjurar,  
e provar e reprovar,  
e andar e revolver,  
qu' é melhor pera beber,  
que não pera maridar.  
O demo que o fez marido,  
que assim seco como é  
beberá a torre da Sé!  
Então arma um arruído  
assi debaixo do pé.

MARTA DIAS Pois bom homem parece ele.  
DINIZ LOURENÇO Aquela é a minha frouxa.  
MARTA DIAS Deu-t'ele a fraldinha roxa?  
BRANCA ANES Melhor lh'esfole eu a pele.  
Que homem há i da puxa.  
Ó diabo que o eu dou,  
que o leve em fatiota,  
e o ladrão que m'o gabou;



e o frade que me casou  
inda o veja na picota.

E rogo à Virgem da Estrela,  
e a santa Gerjalem,  
e ós choros de Madanela  
e à asnhinha de Belém,  
que o veja ir à vela  
pera donde nunca vem.

DINIZ LOURENÇO Compadre, no mais sofrer:  
sai de lá desse silvado.

AMÂNCIO VAZ Pera eu ser arrepelado.  
Não havi'eu mais mister.

DINIZ LOURENÇO E não n'hás tu de vender?

AMÂNCIO VAZ Tu dizes que a quéis feirar.

DINIZ LOURENÇO Não qu'ela se me tomar  
leixar-m'á quando quiser.  
Mas demo-las à má estreia;  
e voto que nos tornemos,  
e er depois tornaremos  
com as cachopas d'aldeia:  
entonces concertaremos.

AMÂNCIO VAZ Isso me parece a mi  
muito melhor que eu ir lá.  
Oh, que couces que me dá,  
quando me colhe sob si!

DINIZ LOURENÇO Cant' àquela si dará.

DIABO Mulheres, vós que quereis?  
Nesta feira que buscais?

MARTA DIAS Queremo-la ver, no mais.  
Pera ver em que tratais,  
e as cousas que vendeis.

Tendes vós aqui anéis?

DIABO Quejandos? De que feição?

MARTA DIAS D'uns que fazem de latão.

DIABO Pera as mãos, ou pera os pés?

MARTA DIAS Não - Jesu, nome de Jesu,  
Deus e homem verdadeiro!

*Foge o Diabo e Marta Dias diz:*

MARTA DIAS Nunca eu vi bofalinheiro  
tão prestes tomar o mu.  
Branc'Anes mana, crê tu  
que, como Jesu é Jesu,  
era este o Diabo inteiro.

BRANCA ANES Não é ele pau de boa lenha,  
nem lenha de bom madeiro.

MARTA DIAS Bofá, nunc'ele cá venha.

BRANCA ANES Viagem de João Moleiro,  
que foi pola cal d'azinha.

MARTA DIAS Pasmada estou eu de Deus  
fazer o Demo marchante!  
Mana, daqui por diante  
não caminheiros nós sós.

BRANCA ANES S'eu soubera quem ele era,  
fizera-lhe bom partido:  
que me levara o marido,  
e quanto tenho lhe dera,  
e o toucado e o vestido.  
Inda que mais não levara  
desta feira, em extremo.  
Me alegrara e descansara,  
se o vira levar o Demo,  
e que nunca mais tornara.

Porque, inda que era Diabo,  
fizera serviço a Deus,  
e a mi mercê em cabo;  
e viera-me dos céus,  
como vem a frol ao nabo.

*Vão-se ao Tempo e diz Marta Dias:*

MARTA DIAS Dizei, senhores de bem,  
nesta tenda, que vendeis?

SERAFIM Esta tenda tudo tem;  
vede vós o que quereis,  
que tudo se fará bem.  
Consciência quereis comprar,  
de que vistais vossa alma?

MARTA DIAS Tendes sombreiros de palma  
muito bons pera segar,  
e tapados pera a calma?

SERAFIM Consciência digo eu,  
que vos leve ao Paraíso.

BRANCA ANES Não sabemos nós qu'è isso:  
dai-o ó decho por seu,  
que já não é tempo disso.

MARTA DIAS Tendes vós aqui burel,  
do pardo de lã meirinha?

BRANCA ANES Eu queria ùa pucarinha

pequenina pera mel.  
SERAFIM Esta feira é chamada  
das virtudes em seus tratos.  
MARTA DIAS Das virtudes! E há aqui patos?  
BRANCA ANES Quereis feirar a cevada  
quatro pares de sapatos?  
SERAFIM Oh, piedoso Deus eterno!  
Não comprareis pera os céus  
um pouco d'amor de Deus  
que vos livre do Inferno?  
BRANCA ANES Isso é falar per pincéus.

SERAFIM Esta feira não se fez  
para as cousas que quereis.  
BRANCA ANES Pois cant' a essas que vendeis,  
daqui afirmo outra vez  
que nunca as vendereis.  
Porque neste sigro em fundo  
todos somos negligentes:  
foi ar que deu polas gentes,  
foi ar que deu polo mundo,  
de que as almas são doentes.

E se hão-de correger  
quando for todo danado:  
muito cedo se há-de ver;  
que já ele não pode ser  
mais torto nem aleijado.  
Vamo-nos, Marta, à carreira,  
que as moças do lugar  
virão cá fazer a feira,  
que estes não sabem ganhar,  
nem têm cousa que homem queira.

MARTA DIAS Eu não vejo aqui cantar,  
nem gaita, nem tamboril,  
e outros folgares mil,  
que nas feiras soem d'estar:  
e mais feira de Natal,  
e mais de Nossa Senhora,  
e estar todo Portugal.  
BRANCA ALVES S'eu soubera que era tal,  
não estivera eu cá agora.

*Vêm à feira nove moças dos montes, e três mancebos, todas com cestos nas cabeças, cobertos, cantando. E, como chegam, se assentam por ordem a vender; e diz-lhe o Serafim:*

SERAFIM Pois vindes vender à feira,  
sabei que é feira dos céus;

por tal, vendei de maneira  
que não ofendais a Deus,  
roubando a gente estrangeira.  
TESAURA Responde-lhe, Leonarda,  
tu Justina, ou Juliana.  
JULIANA Mas responda-lhe Giralda,  
Tesauro, ou Merenciana.

MERENCIANA Responde-lhe, Teodora,  
porque creio que a ti creia.  
TESAURA Responda-lhe Doroteia.  
pois que mora,  
junto c'o Juiz d'aldeia.  
DOROTEIA Moneca responderá  
que falou já com senhor.  
MONECA Responde-lhe tu, Nabor,  
contigo s'entenderá.

Ou Denísio, ou Gilberto,  
qualquer de vós outros três  
e não vos embarceis ou torveis,  
porque é certo  
que bem vos entenderéis.  
GILBERTO Estas cachopas não vêm  
à feira nego a folgar,  
e trazem de merendar  
nestes cestos que i têm.

Mas pois quanto ao que entendo,  
sois, samica, anjo de Deus;  
quando partistes dos céus,  
que ficava Ele fazendo?  
SERAFIM Ficava vendo o seu gado.  
GILBERTO Santa Maria! Gado há lá?  
Oh, Jesu! como o terá  
o Senhor gordo e guardado!

E há lá boas ladeiras,  
como na serra d'Estrela?  
SERAFIM Si.  
GILBERTO E a Virgem que faz ela?  
SERAFIM A Virgem olha as cordeiras,  
e as cordeiras a ela.  
GILBERTO E os Santos de saúde  
todos, a Deus louvores?  
SERAFIM Si.  
GILBERTO E que léguas haverá  
daqui à porta do Paraíso,  
onde São Pedro está?

NABOR Lá vêm ó redor das vinhas  
compradores a comprar  
samica ovos e galinhas.

DOROTEIA Não lhe hei-de vender as minhas,  
que as trago pera dar.

*Vêm dous compradores, um per nome Vicente e outro Mateus, e diz Mateus a Justina:*

MATEUS Vós rosa do amarelo,  
mana, tendes i queijadas.

JUSTINA Tenho vosso avô marmelo!  
Conhecei-lo?

MATEUS Aqui estão emborilhadas.

JUSTINA Estade má ora quedo,  
pela vossa negra vida.

MATEUS Menina, não hajais medo:  
vós sois mais engrandecida  
que Branca de Figueiredo.

Se trazeis ovos, meus olhos,  
não m'os vendais a ninguém.

JUSTINA Andar em burra e ter bem:  
ouvide ora o rasca-piolhos  
(azeite no micho!) em que vem!

VICENTE Minha vida, Leonarda,  
traz caça pera vender?

LEONARDA Vossa vida negra e parda  
não lhe abastará comer  
da vaca com da mostarda?

VICENTE E a mesa de meu senhor  
irá sem ave de pena?

LEONARDA Quem? E vós sois comprador?  
Pois nem grande nem pequena  
não matou o caçador.

VICENTE Matais-me vós logo bem  
com dous olhinhos qu'eu digo.

LEONARDA Mais vos mata a vós o trigo,  
porque não vale a vintém,  
e traz mau micho consigo.

VICENTE Vós fazeis de mi rascão.

LEONARDA Pação vos fizestes vós;  
porém bem nos vimos nós  
guardar bois no Alqueidão.

MATEUS Que vindes vender à feira,  
Teodora, alma minha?  
minha alma, minha canseira?  
Trazei algũa galinha?

TEODORA São vossa alma galinheira.

Que má ora cá viestes  
pera quem vos pôs no paço!

MATEUS Senhora, eu vos faço,  
que vos agastais tão prestes?  
Dizei-me vós, Teodora,  
trazeis vós tal cousa e tal  
deste jeito, muito embora?  
Mas lá dessoutro metal  
não falam à lavradora.

VICENTE Senhora Moneca, trazeis  
algum cabrito recente?

MONECA Não bofé, Senhor Vicente:  
quisera ora trazer três,  
de que vós foreis contente.

VICENTE Juro à Santa Cruz de palha  
qu' hei-de ver o que aqui está.

MONECA Não revolvais aramá,  
que não trago nemigalha.

VICENTE Não me façais descortês,  
nem queirais ser tão garrida.

MONECA Pola vossa negra vida!  
Olhade como é cortês !  
Oh, que lhe saia má saída.

MATEUS Giralda, eu achar-vos-ei  
dous pares de passarinhos?

GIRALDA Irei por eles aos ninhos,  
entonces os venderei.

Comereis vós estorninhos?

MATEUS Respondeis como mulher  
muito de sua vontade.

GIRALDA Pois digo-vo-la verdade:  
pássaros hei-de vender?  
Olhai aquela piedade!

VICENTE Senhora minha Juliana  
peço-vos que me faleis  
discreta palenciana,  
e dizei-me que vendeis.

JULIANA Vendo favas de Viana.

VICENTE Tendes alguns laparinhos?

JULIANA Sim, de porca.

VICENTE Nem coelhos?

JULIANA Quereis comprar dous francelhos,  
pera caçardes ratinhos?

JULIANA Quero, polos Evangelhos!

MATEUS Vós, Tesaura, minha estrela,  
não viríeis cá em vão.  
TESAURA Pois si, vossa estrela vos er'ela:  
como aquilo é de rascão!  
MATEUS Mas como isso é de donzela!  
Porém vá já como vai,  
e casemo-nos, senhora.  
TESAURA Pois casai co'ele, casai,  
Casar, ma ora, meu ai,  
casar, má hora.

MATEUS Porém trazeis algum pato?  
TESAURA E quanto dareis por ele?  
Hui, e ele revolve o fato:  
olho mau se meta nele.  
MATEUS Não trazeis vós o qu'eu cato.  
VICENTE Merenciana deve ter  
neste cesto algum cabrito.  
Não m'haveis de revolver  
MERENCIANA  
senão, pardeus, que dê grito  
tamanho, que haveis de ver.

VICENTE Eu hei-de ver que trazeis.  
MERENCIANA se vós no cesto bulis. . .  
VICENTE Senhora, que me fareis?  
MERENCIANA Um aqui-d'el-rei, ouvis?  
Não sejais vós descortês.  
VICENTE Não quero senão amores,  
pois vosso, senhora, sou.  
MERENCIANA Amores de vosso avô,  
o da ilha dos Açores.  
Andar aramá vós só.

MATEUS Vamo-nos daqui, Vicente.  
VICENTE Bofá vamos.  
MATEUS Nunca vi tal feira.  
VICENTE Vamos comprar à Ribeira,  
que anda lá cousa mais quente.

*Vão-se os compradores, e diz o Serafim às moças:*

SERAFIM Vós outras quereis comprar  
das virtudes?  
Senhor, não.  
SERAFIM Saibamos por que rezão.  
DOROTEIA Porque no nosso lugar  
não dão por virtudes pão.  
Nem casar não vejo eu  
por virtudes a ninguém.

Quem tiver muito de seu,  
e tão bons olhos com'eu  
sem isso casará bem.

SERAFIM Pois porque viestes ora  
cansar à feira de pé?

TEODORA Porque nos dizem que é  
feira de Nossa Senhora:  
e vedes aqui porquê.  
E as graças que dizeis  
que tendes aqui na praça,  
se vós outros as vendeis,  
a Virgem as dá de graça  
aos bons, como sabeis.

E porque a graça e alegria,  
a madre da consolação  
deu ao mundo neste dia,  
nós vimos com devação  
a cantar-lhe úa folia.  
E pois que já descansámos  
assi em boa maneira,  
moças, assi como estamos,  
demos fim a esta feira,  
primeiro que nos partamos.

*Alevantam-se todas, e ordenadas em folia cantaram a cantiga seguinte, com  
que se despediram.*

Cantiga.

I CORO «Blanca estais colorada,  
«Virgem sagrada.  
«Em Belém vila do amor  
«da rosa nasceu a flor:  
«Virgem sagrada.»

II CORO «Em Belém vila do amor  
«nasceu a rosa do rosal:  
«Virgem sagrada.»

I CORO «Da rosa nasceu a flor:  
«pera nosso Salvador:  
«Virgem sagrada.»

II CORO «Nasceu a rosa do rosal,  
«Deus e homem natural:  
«Virgem sagrada.»



Gratias agamus  
Domino Deo nostro

Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Gil Vicente, Copilaçam de Todalas Obras*,  
vol. I, pp. 144-175